

da experiência, e repudiar alguns conhecimentos tenazmente aferrados à lógica operacional do século passado. Lógica multimilenária, poderíamos dizer, pois provém da lógica aristotélica. Teilhard, aliás, não manifesta qualquer inquietação perante esta crise da ciência e constrói a sua concepção do Mundo como se nada de novo tivesse sucedido nesta ordem das coisas. Mas também desconhece como se modificaram as características fundamentais da matéria viva, que gera uma heterogeneização em completa divergência com a evolução da matéria macrofísica, submetida ao segundo princípio da termodinâmica, isto é, a uma homogeneização progressiva. Isto leva-o a falar de uma convergência dos fenómenos do Universo, convergência que aparece como sumamente arbitrária, não fundada na ciência de que pretendia fazer parte. E não quero referir-me ao Antiuniverso deixado entrever pela descoberta da antimatéria, constituída pelo prótão negativo, o anti-neutrão e o electrão positivo, e que torna o ponto Ómega uma probabilidade muito problemática, pois bastaria pensar no Antiuniverso a entrar em contacto com o nosso Universo, para que tudo fosse reduzido a nada como resultado de uma fabulosa colisão.

V. H. — Uma vez que nos encontramos numa época de progresso contínuo — a própria lógica, que parecia uma disciplina estratificada para sempre, mudou de rumo —, não seria justificado encarar de outro modo o estudo da história? Não acha que seria possível chegar-se um dia a considerar a história sob um ponto de vista psicológico, a um tempo individual e colectivo? O que se encontra para trás de nós, a vasta caverna da memória colectiva, o que cada um de nós representa, neste aspecto, segundo a perspectiva do inconsciente colectivo, poderia vir a substituir o social, ou o político, ou o económico, como pontos de partida para estudar e compreender o passado. Julga que uma psicologia da história tem alguma probabilidade de êxito? Estudar, por exemplo, os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial segundo a patologia mental de Hitler e de Estaline; chegar a estabelecer uma patologia do tipo político, da ânsia de poder como estilo político, com implicações históricas e não apenas individuais como pretendia Adler. Jung estudou o fenómeno do nazismo sob este ponto de vista no seu livro *Considerações sobre a História Actual*, e principalmente nos ensaios intitulados *Psicoterapia e Ideologia* e *Depois da Catástrofe*. O romancista alemão Ernst Jünger tratou o mesmo problema no seu romance *Nos Alcântis de Mármore*. Houve um estilo orgiástico da história, que se apoderou de alguns povos europeus, sobretudo alemães e russos, que, através de algumas ideologias e de algumas grandes personalidades de tipo esquizofrénico, tornaram possível uma verdadeira invasão do inconsciente, com todas as consequências que isso supõe.

Trata-se de evitar uma nova ruptura deste tipo, conhecendo as suas origens e saneando-a a tempo. Gostaria que me dissesse alguma coisa sobre este assunto.

S. L. — Creio que não há só uma psicologia, mas uma psicologia patológica da história. E, portanto, possíveis terapêuticas. Tudo, no fundo, é história, porque tudo é energia e a energia encontra-se numa dimanação permanente da sua própria natureza. Na medida em que existe um psiquismo do homem, essa terceira matéria de que falamos até agora, também há um psiquismo das sociedades humanas, isto é, uma psicologia da história. O que poderíamos denominar ontogenia da história supõe um nascimento, uma juventude, uma maturidade e uma morte do seu psiquismo. As forças antagónicas de homogeneidade e as de heterogeneidade biológica, do princípio de exclusão individual, preparam, pela sua coexistência cada vez mais acentuada, o psiquismo da história, que enferma por excesso de actividade de uma ou de outra destas forças, antes de cair exausto ou ferido de morte. Há, evidentemente, uma esquizofrenia, como que uma ciclotímia, da história. O ponto mais intenso e mais rico de uma civilização, ao mesmo tempo frágil e maravilhoso, é precisamente o que consiste num encontro ou num choque entre as forças antagónicas, como no chamado «milagre grego» ou como no Renascimento. A causalidade antagónica consegue, nesses momentos, concentrar simultaneamente o máximo de virulência antagónica e o máximo de equilíbrio. Nos nossos dias, o comunismo, que contém em si próprio a homogeneização mais degradante, representa provavelmente a mais grave doença mental da história.

Estes pensamentos coincidem com os famosos parágrafos que Jung dedica ao tema no seu livro *Presente e Futuro*, onde afirma que, neste momento, a sociedade ameaça o indivíduo, no sentido de que o Estado moderno se transforma numa personalidade viva, manejada por alguns indivíduos sem escrúpulos, que impelem o Estado para uma situação ou forma de sociedade primitiva, submetida à autocracia de um chefe ou de uma oligarquia onnipotente. No mesmo ensaio, Jung afirma que qualquer reforma social ou económica é possível, no contexto de um Estado deste tipo, se se deixam morrer de fome três milhões de camponeses ou se se dispõe de três milhões de trabalhadores gratuitos.

V. H. — Se o homem de hoje vive sob a ameaça das grandes enfermidades psíquicas, formas de actualização do homogéneo de tipo físico ou biológico, segundo as suas teorias, não lhe parece possível também outra espécie de perigo, contido nos meios que a técnica pode oferecer às oligarquias?